

OS MAPAS MENTAIS COMO RECURSO DIDÁTICO PARA A ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA: UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORES INDÍGENAS DO ALTO RIO NEGRO - AM

Helenice Aparecida Ricardo

hele_ricardo@yahoo.com.br ¹

Amélia Regina Batista Nogueira

abnogueira@uol.com.br²

Resumo

O presente artigo é o resultado de reflexões e experiências adquiridas ao estabelecermos um diálogo com os professores indígenas sobre o ensino de Geografia no Curso de Formação de Professores Indígenas da Universidade Federal do Amazonas. O curso tem dez anos, e é resultado de reivindicações dos movimentos indígenas que traziam como pauta, uma formação pedagógica que fosse holística, mas que também respeitasse a diversidade étnica e a pluralidade dos povos indígenas, mais particularmente, dos professores indígenas. A Geografia no projeto pedagógico do curso está representada em quatro componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais e um deles é a Alfabetização Cartográfica. Aqui, descreveremos a experiência de trabalhar este componente em uma turma de professores do Alto Rio Negro, que foi realizada no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Essa turma reúne professores de doze diferentes etnias, portanto, uma turma multiétnica. Isto posto nos fizemos algumas interrogações: Que geografia ensinar? Que geografia interessa aos professores indígenas? Que geografia eles sabem? Numa prática dialógica, concluímos que era preciso adentrar ao mundo vivido de cada um dos professores e compreendemos que este mundo vivido, traduzia-se nas categorias lugar, paisagem e territorialidades. Assim elegemos o lugar como categoria a ser pensada, não apenas como localização, mas como lugar de existência, de práticas e habilidades espaciais aprendidas no cotidiano. Como estávamos trabalhando no sentido de trazer ao conhecimento dos professores a linguagem cartográfica, consideramos os mapas mentais como importante recurso para promover a alfabetização cartográfica dos professores indígenas e orientá-los na elaboração de metodologias de ensino de uma Geografia/Cartografia para trabalhar nas escolas indígenas de suas aldeias. Os professores entenderam a lógica da representação

¹ Docente do Curso de Formação de Professores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas.

² Docente do Curso de Geografia da Universidade Federal do Amazonas e colaboradora no Curso de Formação de Professores Indígenas (FACED/UFAM)



cartográfica através da produção de seus mapas mentais, abrindo-se para a orientação de que existe uma linguagem técnica, científica de representar o espaço. Para além da linguagem sistemática, os professores representaram seus lugares tal como eles se apresentam, com paisagens visíveis e invisíveis, com representação das cheias e das vazantes, com seus mistérios. A experiência nos mostrou que os mapas mentais, possuem uma potencialidade como linguagem para uma alfabetização cartográfica de diferentes grupos e etnias.

Palavras-chave: alfabetização cartográfica, lugar, educação indígena.

Introdução

Ainda em 2008, como resultado da dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, iniciamos as reflexões sobre metodologias de ensino de Geografia. Mais especificamente, buscamos compreender como os professores utilizavam os mapas em suas aulas e as metodologias de ensino que respaldavam suas práticas.

Ao longo da pesquisa, nos apoiamos nas afirmações de Nogueira (1994) sobre o uso dos mapas mentais como recurso didático no ensino de Geografia e na possibilidade posta pela autora, de introduzir o ensino da Cartografia, a partir da experiência que os próprios alunos têm dos seus lugares.

Tempos depois, já no Curso de Formação de Professores Indígenas, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas, retomamos os mapas mentais como metodologia de ensino para promover a alfabetização cartográfica dos professores indígenas do curso e orientá-los a elaborar metodologias de ensino de uma Geografia/Cartografia para trabalhar nas escolas de suas aldeias.

Nossas preocupações nos levaram a refletir sobre a melhor maneira de dialogar com os professores sobre a importância do saber cartográfico para a vida cotidiana das crianças de diferentes etnias. Nosso distanciamento cultural nos desafiou a pensar em um diálogo possível e sentimos que era necessário partir do conhecimento dos lugares que eles já traziam mapeados em suas mentes, os mapas mentais, aqui compreendidos como:

As imagens que temos dos lugares vividos... Essas imagens os homens constroem pouco a pouco, e sua visão de mundo, seus valores vão formando-se a partir do que ele vê e percebe ou ainda do que ele experiencia e vive (NOGUEIRA, 2014, p.106).

A experiência aqui relatada deu-se na disciplina Alfabetização Cartográfica na qual os mapas mentais dos professores indígenas foram utilizados como ponto de partida para desenvolvermos, junto a eles, a compreensão científica e sistemática dos mapas e da leitura de mapas.

Levamos em conta o mundo vivido, representado nos mapas mentais elaborados pelos

professores indígenas, que refletiram suas “experienciações” com os lugares (TUAN, 2013). Percebemos nos mapas dos professores indígenas que o espaço para eles não é tratado apenas como localização, mas como lugar de vida, base da existência humana. Norteou-nos a ideia de que era preciso fazer uma Geografia que começasse com as experiências de quem vivencia o lugar.

Iniciamos assim, um diálogo intercultural, uma aproximação e uma troca de diferentes saberes, de diferentes culturas.

Alfabetização Cartográfica no Curso de Formação de Professores Indígenas/UFAM: os mapas mentais como linguagem de representação.

A Alfabetização Cartográfica é um dos componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais do Curso de Formação de Professores Indígenas, e tem como objetivo, auxiliar os professores indígenas a compreenderem a importância dos conhecimentos cartográficos básicos para a leitura e interpretação da paisagem amazônica e o uso de produtos cartográficos no Ensino Fundamental.

Sendo a demarcação e a manutenção do território de fundamental importância para os povos indígenas e uma das principais bandeiras de luta desses povos, os professores indígenas se interessam muito pelo mapeamento, e percebemos que o fazem com facilidade.

Possuidores de um conhecimento ancestral sobre as terras do Alto Rio Negro, conhecedores dos rios e igarapés que favorecem os deslocamentos, das características naturais que mudam na cheia dos rios e na vazante e dos mistérios que habitam as matas e as profundezas dos rios, consideramos fundamental que na formação de professores



indígenas a Geografia trate com especial importância o mapeamento das terras indígenas e instrumentalize os professores a acessarem o conhecimento científico expresso nos mapas. Assim, acreditamos que o conhecimento geográfico e cartográfico é estratégico e que o acesso a esse conhecimento contribui para a autonomia e autodeterminação dos povos e para assegurar direitos já conquistados. Porém, acreditamos ainda, que este saber permite aos professores, descrever seus lugares de existência, valorizando-os e fortalecendo as relações de identidade.

A Geografia permite compreender o mundo vivido como lugar de existência, o lugar não apenas como localização, como um ponto a ser representado. O conhecimento geográfico nos ajuda a entender a “geograficidade” que é construída numa relação intersubjetiva entre os homens e seus lugares.

Entendemos que:

Geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas e refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos da habilidade do homem para as quais há uma fixação existencial. (DARDEL, 1990 apud Nogueira, 2014, p.38).

A partir desses pressupostos, buscamos em nossas aulas dialogar sobre a importância dos mapas para os diversos povos ao longo do tempo, com foco nos mapas elaborados pelos povos indígenas do Brasil e do Alto Rio Negro. Assim, procuramos demonstrar que muitos mapas oficiais foram elaborados a partir de informações dos diferentes povos indígenas que habitavam e habitam o Brasil.

Desta forma, contextualizamos o desenvolvimento da Cartografia discutindo com os professores o porquê da importância desses saberes, qual a relação desses saberes com a vida das pessoas nas aldeias ou comunidades indígenas e mais especificamente das crianças.

Partimos assim, da própria habilidade de mapear que os professores indígenas já têm. Estimulamos os professores a valorizar essa habilidade e a entender que era preciso desenvolver nas crianças essa prática espacial. Na linguagem da Geografia escolar, essa prática espacial se apresenta como Alfabetização Cartográfica.

Discutiu-se com os professores a importância do desenvolvimento das noções espaciais na

criança (PASSINI, 2012) e as etapas do processo de alfabetização cartográfica a partir da elaboração de mapas mentais construídos pelos próprios professores. Nosso objetivo foi relacionar estes mapas mentais com a cartografia produzida de forma sistemática com o fim de promover a interpretação e a compreensão dos mapas cartográficos.

É importante destacar que os mapas mentais podem constituir material didático específico e diferenciado para as escolas indígenas do Alto Rio Negro, conforme sugerem os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Escolar Indígena (RCNEI, 1998).

Além da linguagem cartográfica os mapas mentais contêm elementos que representam e dizem como é o lugar e descrever o lugar também faz parte do componente curricular Geografia.

Conhecendo o Alto Rio Negro/AM através dos mapas mentais dos professores indígena

Partindo da abordagem da Geografia Humanista Cultural, procuramos compreender o mundo vivido, o mundo da experiência, que para nós professores de Geografia é entendido como lugar, atentando para o fato de que o lugar deve ser descrito e interpretado a partir

daqueles que nele habitam e que tem com ele uma relação de existência, de vida.

Desta forma, buscamos o conhecimento que cada professor indígena tem do seu rio, da sua comunidade, do trajeto que fazem das suas aldeias que ficam ao longo dos diferentes rios e igarapés que compõem a bacia do Rio Negro, muitos deles percorridos por muitos dias até a sede do município, a cidade de São Gabriel da Cachoeira/AM. Ao elaborar os mapas mentais os professores foram estimulados a mapear os elementos geográficos mais significativos, e assim o fizeram.

Percebemos que esses elementos, eram referências que compunham uma paisagem visível e invisível, elementos que se relacionam com a geograficidade desses professores indígenas em relação ao Alto Rio Negro, um lugar com significado topofílico e topofóbico (TUAN, 2012). Cada elemento representado tem um significado para eles e para a comunidade à qual pertencem. Assim, os mapas mentais, não apenas nos levaram a pensar a



alfabetização cartográfica, mas a ver e entender o Alto Rio Negro como ele realmente é.

Um primeiro momento da metodologia utilizada foi a elaboração dos mapas mentais das comunidades indígenas onde moravam os professores indígenas ou de comunidades que todos conheciam em profundidade. Uma vez que o trabalho foi elaborado em grupo e nem todos os professores moram na mesma comunidade, nem em comunidades próximas, alguns grupos resolveram tomar como referência o rio onde moram.

Na roda de conversa com os professores, sugerimos que os grupos se organizassem por etnia, porém, como as comunidades indígenas são multiétnicas (às vezes com a predominância de uma etnia) foi sugerido que os próprios professores escolhessem um critério e por fim alguns definiram que escolheriam preferencialmente as comunidades em que nasceram, ou onde viviam ou viveram por muito tempo.

Os territórios de cada etnia também foram considerados e assim, por exemplo, se um indígena da etnia Baniwa quisesse participar do mapeamento de uma comunidade predominantemente Baniwa, poderia aderir ao grupo. Mesmo porque, geralmente frequentam e conhecem em profundidade tais comunidades.

Durante o processo de elaboração dos mapas mentais fomos trabalhando os conceitos cartográficos de redução do espaço, perspectiva, projeção cartográfica e escala, importantes para a compreensão dos mapas cartográficos (ALMEIDA, 2003). Procuramos manter o diálogo entre a linguagem dos professores e a linguagem da cartografia escolar com a intenção de fazer valer um dos princípios da educação escolar indígena: proporcionar um diálogo intercultural.

Assim, numa relação dialógica (FREIRE, 1983), a linguagem cartográfica foi sendo introduzida: a escolha dos elementos mais significativos para compor a legenda (que como já salientamos foi feita pelos professores), a escolha das cores para colorir os rios do Alto Rio Negro (que não possuem águas azuis) e do título que dariam aos mapas.

Foi interessante constatar a importância dos rios na vida das comunidades indígenas e perceber que os rios e igarapés são fortes indicativos da identidade dos povos indígenas, mais que as comunidades. É muito comum ouvir entre eles a afirmação de que são do rio Negro, do rio Içana, do rio Waupés, do rio Tiquié ou do rio Curicuriari. Os indígenas são do

rio enquanto nós, seres urbanos, somos das cidades, estados e países.



Fig.1: Mapa Mental produzido na disciplina Alfabetização Cartográfica por professores (as) Indígenas das etnias Dassana, Tukano, Piratapuias, Baré e Tariano São Gabriel da Cachoeira/AM, 2017.

Os pontos de referência também foram muito utilizados: a samaúma, a castanheira, os lagos mais piscosos, os locais de caça etc. Elementos representativos do mundo vivido pelos professores indígenas e pelas comunidades ribeirinhas.

Alguns mapas deixaram transparecer traços culturais dos povos indígenas do Alto Rio Negro seja no uso dos grafismos característicos de cada etnia, na representação dos lugares míticos e sagrados ou das plantas e animais característicos daquela região.

A elaboração dos mapas mentais também foi importante porque registrou o conhecimento tradicional do grupo acerca da terra indígena. No processo, os professores indígenas comentaram que fizeram um resgate da memória dos lugares, observaram que certas informações de que não tinham certeza poderiam ser buscadas junto aos anciões das comunidades e que adquiriram conhecimentos novos através dos colegas numa



interculturalidade entre as etnias do Alto Rio Negro. Percebemos que os mapas mentais, para os professores indígenas, não significam apenas uma linguagem gráfica e cartográfica e sim a representação de seus modos de perceber e conceber seus lugares, suas aldeias, seus modos de vida e de existência.

Considerações e Possibilidades

O processo de formação de professores tem sido uma prática contínua nas universidades brasileiras. Capacitar professores em meio às diversidades regionais foi sempre um desafio, mas se mostrou mais complexo quando, por força dos movimentos sociais como um todo, e do movimento indígena em particular, se reivindicou uma formação específica e diferenciada para professores indígenas, de diferentes etnias.

Esse breve texto, reflete uma preocupação vinda do trabalho no Curso de Formação de Professores Indígenas da Universidade Federal do Amazonas, particularmente na turma do Alto Rio Negro, que já é multiétnica, pois nela estudam professores de doze etnias diferentes (Baniwa, Tukano, Dessana, Baré, Piratapuias, Tariano e outros).

Nossas primeiras perguntas, diante de tal diversidade, foram: que Geografia pensar com os professores indígenas? Que Geografia esses professores dominam? Que Geografia gostariam de dominar? A resposta vem sempre deles: a partir do lugar de suas experiências, da Geografia que nós não dominamos, da Geografia que faz parte de um conhecimento tradicional transmitido de geração em geração. A partir dessa Geografia apresentamos a Geografia que se diz ciência moderna, mas sempre relacionando-a com a Geografia vivida.

Entendemos que era preciso começar pela linguagem cartográfica, percebemos que a representação dos lugares através dos mapas mentais, nos levaria a compreender melhor os professores indígenas e a Geografia que eles fazem no seu dia-a-dia.

Ao elaborar seus mapas mentais, os professores indígenas puderam compreender a linguagem da cartografia escolar, técnica, entendendo que esse conhecimento seria importante para eles, no sentido de terem uma representação formal de seus territórios. Porém, entendendo que os mapas mentais traduzem o lugar tal qual ele é, pois tem referências que extrapolam a ideia de localização, são referências que podem traduzir seus modos de vida.



Desta forma, acreditamos que os mapas mentais, possuem uma potencialidade como linguagem para uma alfabetização cartográfica de diferentes grupos e etnias, pois sendo resultado de nossas percepções, é de domínio de todos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do Desenho ao Mapa**: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2003.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional Para As Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1983.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa Mental**: recurso didático no ensino de Geografia no 1º grau. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 1994.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Percepção e representação**: A “geograficidade” nos Mapas Mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Manaus, Edua. 2014

PASSINI, **Alfabetização Cartográfica e a Aprendizagem da Geografia**. São Paulo: Cortez, 2012.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

_____. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.